MULHER... UMA HISTÓRIA... EXPERIÊNCIA DE UM CAMINHAR

Odete Lieber de Almeida

Ler a Bíblia como mulher é ter consciência de que a mulher da Bíblia tem sido esquecida ou até mesmo escondida. É um grande desafio redescobrir a presença feminina, a qual foi ocultada por uma leitura discriminadora da Bíblia. Por isso, redescobrir a presença feminina na Bíblia é reconhecer que Jesus levava as mulheres a sério, que as valorizava. Ele falava publicamente com elas, foi beijado por elas, ungido, se deixava tocar e as tocava. Mas as mulheres que faziam tais gestos eram aquelas que a sociedade daquela época marginalizava pública, social e religiosamente.

O "valorizar", "inserir" a mulher na sociedade era uma afronta ou vergonha para aquela sociedade onde muitas pessoas oravam a Deus três vezes ao dia, louvando-o, por não terem nascido mulher. Entretanto, Jesus faz uma inversão nesta maneira de proceder. Ele trouxe o novo, o inusitado, o surpreendente: a restituição da dignidade das mulheres como participantes em condições de igualdade com os homens na construção do reino de Deus.

Assim, para resgatar as vozes femininas na história do Novo Testamento precisamos considerar dois fatores. O primeiro diz respeito ao mundo do Novo Testamento, seus textos e contextos. Por isso, envolve a ausência de escritos originais e o confronto com um mundo diversificado, cuja realidade, cultura e experiência forjaram um cristianismo variado e pluralista. O segundo se refere à interpretação dos textos do Novo Testamento. É necessário reconhecer que os textos do Novo Testamento foram apropriados e interpretados pela grande Igreja, com o objetivo de sustentar suas doutrinas e dogmas. Isso significa dizer que qualquer interpretação diferente daquela que foi convencionada pela tradição cristã, pode ofender e abalar as estruturas eclesiais.

Ainda hoje os Evangelhos têm sido lidos fora de sua dinâmica existencial, pois tem sido projetada no passado a leitura já convencionada no presente. Mas gradativamente vêm surgindo novas formas de leitura bíblica, que se utilizam dos novos métodos de aproximação aos textos bíblicos, incorporando os dramas e esperanças das maiorias sofridas, marginalizadas e excluídas de nosso continente. Entre essas maiorias estão as mulheres. Mulheres como Lídia, Marta, Maria, Maria Madalena e muitas outras mencionadas no Novo Testamento.

O discipulado no Evangelho de Marcos

No Evangelho de Marcos, como nos demais escritos do Novo Testamento, não existe uma menção explícita do discipulado de mulheres, mas podemos afirmar que o número de discípulos vai muito além do reduzido número dos doze, mencionados por Paulo e pelos quatro evangelistas[1]. Marcos apresenta, logo no início do seu Evangelho, o seguimento dos doentes e marginalizados sociais, com as crianças no meio. O seguimento das mulheres vem no final, com a mulher que ungiu Jesus (14,3-12), as mulheres que estavam na cena da crucificação (15,40-41) e as que levaram óleo perfumado para ungi-lo, no terceiro dia após a morte dele (Mc 16,1-2). A viúva que dá o óbolo no templo, exatamente no final do capítulo 12, e recebe um elogio de Jesus por seu desprendimento e caridade, parece antecipar o aparecimento das mulheres no relato da paixão como figuras centrais.

A narrativa da ação da mulher que ungiu Jesus no contexto conflitivo da Paixão, em que os discípulos não aceitam o tipo de messianismo proposto por Jesus[2], recebe uma interpretação ousada, pois a mulher, assim como o homem, é chamada de discípulo. Esta interpretação está ligada à maneira como se entende o seguimento de Jesus, fortemente ligado à sua prática histórica. O Evangelho de Marcos quer apresentar o retrato dos doze apóstolos de uma forma um tanto negativa para subverter a veneração apostólica. O que se deseja é diminuir a distância entre os leitores e os apóstolos, para que os leitores se identifiquem com eles, pois são exatamente como cada um de nós[3], simplesmente homens e mulheres.

Marcos convida os leitores a resolver a crise do discipulado frustrado/malogrado, respondendo com seu próprio discipulado renovado: "Somos estimulados nesta identificação pelo retrato positivo dos discípulos no início do Evangelho, de modo que o aspecto negativo na história dos discípulos leva os leitores a reexaminarem seu próprio discipulado. Assim, o objetivo do autor de Marcos não era simplesmente apresentar certas idéias sobre Jesus ou advertir seus leitores contra algum grupo diferente dele, mas levar seus leitores a percorrerem uma estória particular em que pudessem descobrir-se e, por conseguinte, mudar"[4].

Maria Madalena

No Evangelho de Marcos, as mulheres se destacaram como líderes em expandir o movimento de Jesus na Galiléia. Neste sentido, acredita-se que as mulheres galiléias não só foram decisivas em levar o movimento de Jesus aos gentios, mas também para a própria continuação do movimento depois da prisão e execução de Jesus. Este

1. THEISSEN, G. *Sociologia da Cristandade Primitiva*, São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 16-22.
2. MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 290-291.
3. Id., *ibid.*, p. 141-144.
4. Id., *ibid.*, 142.

argumento baseia-se no fato de que as mulheres não fugiram depois de sua prisão, mas ficaram em Jerusalém para a sua execução e sepultamento (Mc 15,40-41). Elas foram também as primeiras a ter a experiência da ressurreição de Jesus (16,1-6.8a). Marcos nos diz que as mulheres o seguiam e serviam enquanto Ele estava na Galiléia (15,41), destacando Maria Madalena, a quem ele apareceu (16,9-11), e que, após este fato, sai para anunciar as boas-novas aos discípulos[5].

Maria Madalena é apresentada como a discípula que está sentada aos pés de Jesus, que o escuta atentamente. Jesus aprova a atitude dela. Sentar-se aos pés não era uma atitude de submissão e humilhação. Ao sentar-se aos pés de Jesus para ouvir seus ensinamentos, Maria reivindica para si o direito de ser discípula, pois esta era a atitude dos discípulos dos mestres judeus. Para ser discípula/o é preciso escutar a revelação e agir, o que demonstra a integralidade do ser cristã/ão, que é a soma do escutar e do fazer.

Ela foi a mulher que teve a integridade e dignidade restauradas por Jesus, acompanhando-o desde o início de sua missão até o fim, e sempre está exercendo a missão de ser discípula. Jesus a chamou: Maria. E ela respondeu: Mestre. A Maria Madalena juntaram-se muitas outras mulheres. Mulheres sacudidas e ao mesmo tempo reanimadas pelas palavras de Jesus, as quais, com confiança e capacitação dele obtidas, tornaram-se capazes de construir novas vidas.

As mulheres são mencionadas em três momentos especiais em que Marcos fala do discipulado de Maria Madalena: na morte (15,40), sepultura (15,47) e ressurreição de Jesus (16,1). Em cada um dos três momentos há um grupo de mulheres que observam tudo atentamente, mas Maria Madalena sempre é lembrada em primeiro lugar. Ela tem identidade: "Também ali estavam algumas mulheres olhando de longe, entre elas Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago o Menor e de José, e Salomé; as quais o seguiam e o serviam quando ele estava na Galiléia; e muitas outras que tinham subido com ele a Jerusalém" (15,40).

Marcos apresenta Maria Madalena como discípula autêntica. Discípula/o é toda/o aquela/e que entende, aceita e põe em prática o que Jesus pedia e fazia: seguir é entregar a própria vida, simbolizado pelo frasco de perfume quebrado. O elogio ao gesto dela indica que deve ser tomado como exemplo: "Em verdade vos digo que, em todo o mundo, onde quer que for pregado o Evangelho, também o que ela fez será contado para memória sua" (14,9). A interpretação do gesto tem relação com a sepultura (14,8), indicando seguimento para a paixão e morte de Jesus. Como pré-anúncio da entrega de Jesus – sua morte – mais uma vez indica que o/a discípulo/a deve estar disposto/a a fazer o mesmo. Maria Madalena com seu gesto, está apoiando e acompanhando Jesus.

5. Apesar de falarem de forma diferente, todos os evangelistas apresentam Maria Madalena como discípula. Em Lucas ela anuncia aos discípulos apenas o que presenciou. Em Mateus e Marcos ela recebe do anjo a incumbência de anunciar a ressurreição aos discípulos. Em João ela recebe o mandato do próprio Cristo ressurrecto.

O exemplo das mulheres, ao permanecerem fiéis, inclusive quando os discípulos homens o abandonaram, significa que ser discípulo não é fácil[6]. Significa também que Maria Madalena e outras mulheres faziam parte de um grupo de homens e mulheres, mas que seu exemplo é fortemente determinante e seu comportamento exemplar tem "um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta".

Marcos, ao apresentar Maria Madalena como discípula de Jesus desde o início do ministério na Galiléia até a ressurreição dele, reforça seu caráter significativo, pois ela recebe o mesmo tratamento: Jesus a reconhece como filha de Deus. E quando se narra que Jesus cita o nome de Maria Madalena entre seus discípulos, é para expor a relação de igualdade entre todos/as. Assim como a confissão de fé do centurião sugere a abertura aos gentios, Maria Madalena e outras mulheres sugerem a abertura do discipulado à mulher, uma vez que suas vidas se relacionam com a missão: "Não se poderia também esquecer que o texto das mulheres discípulas/seguidoras que continuam até o final, sugere a abertura surpreendente do discipulado cristão a todo o mundo (homem e mulher)"[7].

Marcos parece ser coerente com a mensagem que transmite sobre os valores do reino de Deus[8]. Na sociedade onde os fatos acontecem, onde os estrangeiros e as mulheres se contavam entre os últimos, Jesus fala da recompensa de estar entre os últimos dos discípulos (10,31). Marcos descreve, no decorrer do seu Evangelho, as mulheres simbolizando e dando vida a valores fundamentais e qualidades do discípulo/a: a fé ativa, valente, criativa e audaz.

Conclusão

Maria Madalena é citada nominalmente pela primeira vez em Marcos 15,40-41. Em outras partes do Evangelho, onde outras mulheres são citadas (a mulher com hemorragia, a mulher que unge os pés de Jesus, etc.), as mulheres eram anônimas, mas a partir deste momento o anonimato não mais acontece. E este momento, da morte de Jesus, é decisivo, pois os temas que aparecem no decorrer do Evangelho, como o

6. A mensagem do reino de Deus é contrária aos valores vigentes na sociedade e a aplicação dela à vida resulta em conflito, conflito este intimamente relacionado com a missão. É possível abandonar a tarefa de proclamar as boas-novas por medo das conseqüências. Há também um alerta para o perigo de não assumir as conseqüências de ser portador/a da mensagem de Jesus.

7. UBIETA, Carmén Bernabé, *María Madalena. Tradiciones en el cristianismo primitivo*. Estella: Editorial Verbo Divino, 1994.

8. O movimento de Jesus pregava igualdade desde baixo, ou seja, chamava para si e incluía todos os marginalizados da sociedade: os empobrecidos, os aleijados, os rejeitados, os pecadores, as crianças e as prostitutas, na medida em que eles estavam dispostos a entrar na perspectiva e no poder do Reino. Essa igualdade é baseada na fé em um Deus que não discrimina, que não exclui, que não chama para si apenas os justos e piedosos de Israel, mas todos os marginalizados sociais: "No ministério de Jesus, Deus é experimentado como amor inclusivo, fazendo o sol brilhar e a chuva cair igualmente para justos e pecadores (Mt 5,45). Este Deus é um Deus de benevolência e bondade que aceita a todos e suscita justiça e bem-estar para todos sem exceção". FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 164.

messianismo de Jesus e o autêntico discipulado, podem ser entendidos. Com sua morte, Jesus comprova ser o Messias, um gentio confessa que ele é o filho de Deus e o discipulado é colocado em prática pelas mulheres até o fim. Outra vez, a lógica do reino de Deus é contrária à lógica da sociedade, pois o reino se abre para os gentios e para as mulheres.

Maria Madalena é citada juntamente com outras mulheres, mas ela aparece também em cada ocasião em que nomes masculinos são mencionados. Ela é apresentada como discípula de Jesus, uma condição que é definida pelos verbos típicos do discipulado: "seguir", "servir", e "subir". O lugar hermenêutico para compreender o significado destes verbos são os ensinamentos de Jesus sobre o discipulado (Mc 8,34-38; 9,33-37; 10,41-45).

Eles são os requisitos colocados por Jesus para aqueles que desejam segui-lo. "Seguir" implica o seguir sempre e em tudo o exemplo e a missão de Jesus, ou seja, caminhar em seus passos. "Servir" não indica uma atitude própria e exclusiva das mulheres, mas sim a disponibilidade total para o Reino de Deus e seus valores, tão distintos dos valores vigentes na sociedade, algo válido também para os homens. É a realização dos ministérios na comunidade. "Subir" significa ir até Jerusalém, correndo o risco de ter um destino semelhante ao do próprio Mestre[9].

Maria Madalena é nomeada como discípula em primeiro lugar em um grupo pequeno dentro de outro maior, junto com suas companheiras: Maria de Tiago e Salomé, em paralelo ao grupo de três discípulos homens: Pedro, Tiago e João. Mulheres e homens são parte do grupo que cerca Jesus e que se inclui dentro de outro grupo maior dos seguidores dele.

No Evangelho de Marcos existe o pressuposto de que as mulheres, ao se afastarem do sepulcro, encontram o caminho que conduz ao ressuscitado e, por revelação divina, foram incumbidas, após a morte de Jesus, de reunir novamente o grupo de Jesus que fora disperso por causa da crucificação de Jesus[10]. Na aparição de Jesus ressuscitado, as pessoas que desejavam levar adiante a mensagem do reino de Deus pregada por Jesus estavam presentes. Foram as mulheres que tomaram a iniciativa. Os evangelistas não retocaram esse evento e não reduziram a importância das mulheres.

A tarefa das mulheres, em especial a de Maria Madalena, não foi apenas agrupar os discípulos, fazer com que eles seguissem na frente. Maria Madalena, juntamente com as outras mulheres, devia caminhar, ir em frente, propagar e transmitir o que

9. Maria Madalena segue a Jesus da Galiléia até Jerusalém. Jesus, indo ao encontro do cumprimento de sua missão, sobe a Jerusalém, onde será revelada a nova forma da presença de Deus em meio ao seu povo, o qual agora o vê aos pés da cruz, onde um novo caminho é aberto aos gentios e às mulheres.

10. SCHOTTROFF, Luise. *Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminina*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 79.

aprendeu com Jesus. Ela adquire a identidade de uma discípula fiel e autêntica. Ela traz consigo o desafio e a responsabilidade de pregar a palavra, de prosseguir com a missão de Jesus, de anunciar a boa-nova: Jesus Cristo vive e está entre nós.

Muitas outras mulheres juntaram-se a Maria Madalena. São Marias, Martas, Anas, Febes, Priscilas que, despertadas e, ao mesmo tempo, reanimadas pelas palavras de Jesus, saíram em cumprimento da missão de pregar as boas-novas, construindo assim novas vidas. E com elas tantas outras, hoje, continuam chegando, integrando-se aos homens, às crianças, aos jovens, formando uma comunidade verdadeiramente sinalizadora do Reino de Deus, porque "quem traz essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida".

Bibliografia

ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher.* São Paulo: Paulinas, 1992.

MYERS, Ched. *O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCHOTTROFF, Luise. *Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminina*. São Paulo: Paulinas, 1995.

THEISSEN, Gerd. *Sociologia da Cristandade Primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

UBIETA, Carmén Bernabé. *María Madalena: Tradiciones en el cristianismo primitivo*. Estella: Editorial Verbo Divino, 1994.

Odete Lieber de Almeida
Rua Desembargador Góes Cavalcante, 331
Parnamirim
52060-140 Recife, PE